

La práctica de la amistad como insurrección a la biopolítica neoliberal¹

The exercise of friendship as an insurrection against neoliberal biopolitics

Marcelo Vicentin²

Carlos Roberto da Silveira³

David da Silva Pereira⁴

Recepción: 15 de julio del 2021

Evaluación: 25 de octubre del 2021

Aceptación: 28 de octubre del 2021

¹ Grupo de Pesquisa “Estudos Foucaultianos e Educação” (GPEFE), Linha “Filosofia Antiga, Educação e Diálogos Contemporâneos”, Universidade São Francisco (USF-SP).

² Doutor em Educação pela Universidade São Francisco.
Correo electrónico: marcelovicentin@yahoo.com.br

³ Doutor em Filosofia Pela Pontificia Universidade Católica de São Paulo.
Correo electrónico: carlosilveir@yahoo.com.br

⁴ Doutor em Ciência Política pelo IFCH/Unicamp e Pós-doutor em Filosofia e História da Educação pela FE/Unicamp.
Correo electrónico: davidpereira@utfpr.edu.br

Resumen

Este artículo propone problematizar la práctica de la amistad en Michel Foucault como una pieza de resistencia al estilo de vida neoliberal. El texto se organiza a partir de las discusiones desarrolladas por Foucault en torno a la amistad como forma de vida y ejercicio político de resistencia frente al poder gubernamental, teniendo en cuenta las reflexiones sobre el neoliberalismo en el *Nacimiento de la biopolítica*. Se busca, entonces, en primer lugar, con ayuda de los comentaristas de la obra de Foucault, presentar el neoliberalismo y su principal placer: la competitividad. A continuación, abordamos la noción de amistad en Foucault en el marco del cuidado de sí y el epicureísmo, para luego discutir la amistad como práctica política y ejercicio de resistencia al neoliberalismo, como práctica ontológica sobre nosotros mismos, en oposición al emprendimiento de sí y a la competitividad del que adviene. Nuestras consideraciones finales enfatizan las invenciones y el arte de la existencia que ofrece la amistad.

Palabras clave: Michel Foucault, resistencia, neoliberalismo.

Abstract

This essay proposes to problematize the practice of friendship by Michel Foucault as a piece of resistance to the neoliberal way of life. To this end, the text is organized from the discussions produced by Foucault on friendship as a way of life and a political exercise of resistance to a governmental power, and the discussions on neoliberalism in *Birth of Biopolitics*. It therefore seeks, with the help of commentators on Foucault's work, first to present neoliberalism and its main pleasure: the competition. It then discusses the notion of friendship for Foucault within the framework of the care of the self and epicureanism in order to discuss friendship as a political practice and, as such, an exercise of resistance to neoliberalism, since it is an ontological practice about ourselves, in opposition to the entrepreneurialism of the self and competition, with the final considerations emphasizing the inventions and art of existence that friendship provides.

Keywords: Michel Foucault, resistance, neoliberalism.

Introdução

Pois com sua sabedoria e coragem
Mostrou que com uma rosa
E o cantar de um passarinho
Nunca nesse mundo se está sozinho
E salve Jorge
(Jorge Ben, Domingo 23)

Através deste texto propõe-se a pensar a partir de e com Michel Foucault sobre a prática da amizade como um modo de vida, uma prática de sublevação, de contraconduta aos modelos biopolíticos que priorizam a competitividade exacerbada e o empresariamento de si. O tema da amizade aparece em Foucault, primordialmente, nas discussões sobre as práticas, na Antiguidade clássica, do cuidado de si e de uma ética e estética da existência. Para Maurice Blanchot (1987), Foucault, em sua investigação sobre os gregos e romanos, procurava por “uma ética individual que lhe permitisse fazer da sua existência –do que lhe restava de vida– uma obra de arte” (p. 71).

Por conseguinte, a amizade não pensada em termos de sua raridade, mas entre pessoas comuns que, sem se esquecerem de si mesmos, atuam em favor de outros, como em Epicuro (Spinelli, 2011): uma das possibilidades de ocupar-se de si e ocupar-se do outro, uma forma do cuidado de si, reafirmada por Foucault: “todo homem que tem realmente cuidado de si deve fazer amigos” (2010a, p. 176). O cuidado de si (*epiméleia heatoû* para os gregos; *cura sui* para romanos), um ocupar-se de si, de preocupar-se consigo a fim de se constituir é uma prática que, por meio técnicas particulares, visa um conhecer a si na transformação de suas próprias experiências e na relação com os outros, uma inquietude existencial, uma forma de vida.

A amizade como resistência a um poder, a uma governamentalidade, a um modo de ser que ameniza e fragmenta as existências, mantendo-as transitórias a fim de capturá-las por uma rede mercadológica de prazeres e desejos comercializáveis; marcas de prazeres e desejos carregados junto ao corpo que diferenciam os que podem negociá-los daqueles que apenas desejam empreender sobre esse grande negócio.

Essa governamentalidade, ao se colocar como centro de irradiação de condutas, de condução e governo dos outros, atua na representação

do poder político e suas instituições. Todavia, Foucault adverte-nos de que em seu sentido mais amplo, governamentalidade não remete apenas ao político, mas à mobilidade e reversibilidade das relações de poder. Desse modo, governamentalidade, como modelo de resistência ao instituído, deve considerar uma relação de si para consigo, deve “(...) considerar que relações de poder/governamentalidade/governo de si e dos outros/relação de si para consigo compõem uma cadeia, uma trama e que é em torno destas noções que se pode articular a questão da política e a questão da ética” (p. 225).

Foucault (2014a) alerta-nos sobre que sempre se explorará algo, seja a vida, a luta, a história dos homens, mas também de que não estamos presos a uma armadilha que nos impeça de mudar a situação, possibilidade que sempre existe: “(...) não podemos nos colocar de fora da situação, e em nenhum lugar estamos livres de toda relação de poder. Mas podemos transformar a situação” (p. 256). Há outras necessidades, outros modos de existir; logo modos de resistir a um poder que, no atual momento, como razão do mundo tenta se fazer onipresente: o neoliberalismo.

Desejo e o prazer na razão neoliberal: concorrência

O capitalismo é maleável, tem plasticidade e é isso que faz do neoliberalismo algo diferente do liberalismo clássico: questão que Foucault enfrentou em *Nascimento da Biopolítica*. O neoliberalismo não é meramente a continuidade do pensamento liberal ou uma acumulação racional e linear capitalismo; é uma dobra do capitalismo, um giro sobre o liberalismo: um projeto de governo muito particular sobre a ação dos homens e da sociedade.

Não é também uma reabilitação da natureza do mercado, do deixar fazer, do *laissez-faire* e, por isso, não pode ser reduzido a uma doutrina ou política de ênfase meramente econômica. Deve ser compreendido como um processo histórico em expansão de diferentes discursos e práticas atreladas a regras jurídicas, institucionais e políticas “que definem não apenas *outro* ‘regime de acumulação’, mas também, mais amplamente, *outra* sociedade” (Dardot e Laval, 2016, p. 24). Como singularidade, o neoliberalismo alterou as referências doutrinárias do liberalismo do século XVIII: os limites da ação governamental, em sua natureza econômica e social, na condução dos interesses individuais ao bem-comum:

[O neoliberalismo] deve intervir na própria sociedade, no seu tecido e na sua espessura. Deve intervir (...) nessa sociedade para que os mecanismos concorrenciais, em cada momento e em cada ponto da espessura social, possam desempenhar o papel de reguladoras. Será então um governo não económico (...) não é um governo económico, mas sim um governo da sociedade (...) é um governo de sociedade, é uma política de sociedade que os neoliberais querem fazer (Foucault, 2010c, pp. 189-190).

É um projeto econômico, político e social que, com a emergência de discursos, práticas e dispositivos, Pierre Dardot e Christian Laval (2016) denominam de *nova razão do mundo*: um sistema normativo, uma racionalidade governamental que movimenta, acelera e exacerba aspectos da Modernidade⁵ oitocentista e seus ideais; tempos hipermodernos (Lipovetsky, 2011), de um governo dos homens com estratégia global, integrando o mundo e todas as dimensões da existência humana.

O neoliberalismo alterou e reformou radicalmente o exercício de governamentalidade, atuando positivamente sobre as motivações sociais e subjetivas na produção de formas de existência e modos de viver, no modo como nos relacionamos conosco e com os outros. De acordo com Foucault (2010c), a razão neoliberal manifesta-se como outro e novo modo de objetivar e subjetivar os indivíduos pela aspiração de total liberdade em todos os campos da vida humana. Com seu fortalecimento, tornou-se um sistema normativo que, por meio de técnicas de poder diferentes as usuais, reformou a racionalidade de governo, as relações sociais e as esferas da existência:

O neoliberalismo não destrói apenas regras, instituições, direitos. Ele também produz certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades. Em outras palavras, com o neoliberalismo, o que está em jogo é nada mais nada menos que a forma de nossa existência, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos. O neoliberalismo define certa norma de vida nas sociedades ocidentais e, para além dela, em todas as sociedades que as seguem no caminho da ‘modernidade’. Essa norma impõe a cada um de nós que vivamos num universo de competição generalizada, intima os assalariados e as populações a entrar em luta econômica uns contra os outros, ordena as relações sociais segundo o modelo do mercado, obriga

⁵ A Modernidade como episteme, como argumenta Foucault em *As Palavras e as Coisas* (2007).

a justificar desigualdades cada vez mais profundas, muda até o indivíduo, que é instado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa. Há quase um terço de século, essa norma de vida rege as políticas públicas, comanda as relações econômicas mundiais, transforma a sociedade, remodela a subjetividade (Dardot e Laval, 2016, p. 16).

As novas tecnologias de poder instauradas com o neoliberalismo produzem sujeições e condutas direcionadas para práticas empresariais que coagem e conduzem a concorrência, a competitividade e a gestão empresarial da vida subordinadas a uma racionalidade articulada a uma lógica jurídico-normativa que captura e normatiza a subjetividade sob a lógica de um investimento, de um capital que se acumula durante a vida. Maurizio Lazzarato (2012) observa que ao dimensionar cálculos futuros, antecipando condutas comportamentais, o neoliberalismo interfere em ações, condutas e comportamentos, enfraquecendo a possibilidade de escolhas.

O homem-empresa oferece como produto seu capital humano, com e a partir do que o constitui –seu corpo biológico– e do que acumulou, derivações de investimentos voluntários, externos e ambientais de desenvolvimento individual: o que aprendeu e a forma como viveu sua vida. Em suma, um corpo capacitado a oferecer-se física, psíquica e intelectualmente.

Para Foucault (2010c), o neoliberalismo estabelece uma sociedade de empresa, o homem da empresa e da produção perante mecanismos da concorrência: a troca pela concorrência, a igualdade pela desigualdade, a concorrência como objeto histórico da arte governamental “sob o signo de uma vigilância, de uma atividade, de uma intervenção permanente” (p. 176).

Sob o signo da subjetivação empresarial, o corpo torna-se uma máquina de fluxos de rendimento decorrentes do que se vende: uma competência, um capital investido que sombreia indivíduos e coloca sob a luz uma unidade de unidades-empresas, de empresários de si mesmo em regime concorrencial regulado pelas leis, pelo jogo do mercado de jogadores-empresas em concorrência, em conflito:

Nesta sociedade empresarial, quanto mais a lei der aos indivíduos a possibilidade de se comportarem como quiserem na forma da livre iniciativa, mais se desenvolverão na sociedade as formas múltiplas e dinâmicas características da unidade ‘empresa’, mais numerosas e maiores serão as superfícies de fricção entre essas diferentes unidades, mais de multiplicarão as ocasiões de conflito (p. 225).

O conflito como uma prática da vida, um exercício biopolítico em que a empresa é o modelo comportamental. Quanto mais unidades-empresas, maiores são os conflitos decorrentes de prejuízos e irregularidades no jogo concorrencial. Quanto maior a liberdade permitida no jogo empresarial, maior a intervenção regulatória para o jogo e a arbitragem dos litígios entre empreendedores.

Como definem Dardot e Laval (2016) e Lazarrato (2017), gestão e dívida são ferramentas subjetivas na disputa concorrencial entre indivíduos-empresas bem e malsucedidos que operam sob um regime em que prevalece o egoísmo social, a negação da solidariedade e da cidadania, que estimula o endividamento como um modo de vida: uma subjetivação contábil e financeira para que se possa valorizar cada vez mais o “capital humano”.

Amizade como modo de vida

A amizade para Foucault está para além do seu uso cotidiano; não é meramente um ornamento ou resíduo afetivo inferior ou consequência de outras relações cívicas, amorosas e sexuais. A amizade em Foucault (2010a; 2010b; 2014a; 2015a) é uma arte de viver, um modo de existência para consigo e com o outro. Ou seja, é da ordem da ética, do “que rompe as fronteiras morais vigentes e leva o sujeito a se transformar, estilizando sua existência na presença do outro” (Costa, 1999, p. 11).

A amizade como atitude ética busca romper com o projeto disciplinar e biopolítico instaurado, como uma prática, um exercício de subjetivação para que o sujeito atue sobre si, operando movimentos, deslocamentos, desterritorializações na construção de uma existência outra por meio de técnicas ou tecnologias de si (Foucault, 2014b). Um movimento, de acordo com Francisco Ortega, em direção a “uma genealogia da amizade como subjetivação coletiva e forma de vida” (1999, p. 24): a amizade como criação de modos de vida individual e coletivo.

A amizade como prática desejável e útil, como concebida por Epicuro, exaltada como uma prática do cuidado de si, uma prática que se escolhe e que se inicia a partir de algo que provoca encontros, que nos oportuniza a estar com o outro, seja em trocas sociais e de serviços: por conseguinte, utilidade e desejo equilibram-se para produzir felicidade. A sabedoria é o caminho para produzir amizade, como observa na Máxima Principal 27: “De

tudo aquilo que a sabedoria proporciona para a felicidade de toda nossa vida, de longe o mais importante é a posse da amizade” (Epicuro, 2010, p. 44). Epicuro afirma que a amizade não é algo que se detém, mas uma relação que ao se estabelecer, preserva-se. Ter a sua posse é preservar as relações que se estabeleceram com outras pessoas, é preservar uma qualidade de vida que produz um bom e bem viver a partir de relações que se constituíram com um outro em que o princípio da utilidade, do desejo, inicialmente, do encontro se fez presente.

A prática epicurista da amizade, conforme Foucault (2010a), causa inquietude à moral moderna que tem desinteresse pela amizade; uma inquietude que tem como finalidade o cuidado do outro, do coletivo. Ou como um ato de invenção de prazeres que alguns dirão hedonistas (Onfray, 2008) por se oporem a primazia de uma razão estatal, familiar e religiosa. Um hedonismo que não se faz pelo acúmulo de riquezas nem pelo onanismo corporal; que reordena o tempo por não se constituir do passado nem do futuro, mas do instante; que se exemplifica pela prática de uma ética no exercício de uma liberdade para si: “um prazer digno desse nome, positivo, cinético, dinâmico e solar” (p. 120).

Foucault descreve a amizade epicurista inserida na ordem do cuidado de si: “a amizade é inteiramente da ordem do cuidado de si e que é pelo cuidado de si que se deve ter amigos” (2010a, p. 176). Portanto, é com um outro que se estabelece a reciprocidade da amizade, pois o cuidado de si requer condutas de cuidado do outro. Uma arte de existência que emerge do eu e caminha para o outro, que sobre o signo do desejo e da utilidade encontra nesse outro a segurança de uma prática da reciprocidade, de felicidade.

Para Frédéric Gros (2008; 2011), Foucault reorientou a rota de suas pesquisas sobre o poder com a incorporação do tema do cuidado de si a partir do momento helenístico-romano: um sujeito ativo sobre si mesmo que se constitui por meio de práticas regradas e não mais um sujeito passivo constituído mediante a técnicas de poder-saber:

O sujeito suposto por essas técnicas de si, pelas artes da existência é um eu ético, antes que um sujeito ideal de conhecimento. Isto significa que o sujeito é compreendido como transformável, modificável: é um sujeito que se constrói, que se dá regras de existência e conduta, que se forma através dos exercícios, das práticas, das técnicas, etc. (...) O que significa dizer que

a ‘subjatividade’ (...) não remete evidentemente nem a uma substância nem a uma determinação transcendental, mas a uma reflexividade que se poderia chamar de prática: uma maneira de se relacionar consigo mesmo para se construir, para se elaborar (2008, pp. 127-128).

O cuidado de si tornou-se uma regra coextensiva à vida, correspondendo a um modo de perceber-se e estar no mundo, de agir e de relacionar-se com os outros. Dessa forma, alçou uma abrangência comunitária e institucional, constituindo-se por redes de relações sociais, praticável por todos sem nenhuma condição prévia de status ou finalidade técnica, profissional ou social no governo de outros. Como afirma Gros: “o que interessa a Foucault neste cuidado de si é a maneira como ele se integra num tecido social e constitui um motor da ação política” (p. 131). Uma construção ética que se sobrepõe a uma ação individualista de uma fuga para si próprio, preconizando um sujeito de ação sobre o mundo que o cerca pela correspondência entre os atos e as palavras.

Os fluxos de uma prática elaborada e atravessada pelo cuidado de si como uma experiência ética, é a leitura que Foucault propõe para a amizade como um modo de vida. Uma imagem, segundo Ortega (2000), que tem no exercício filosófico a possibilidade de modificar as regras do jogo, promovendo o encontro entre subjetivações individuais e coletivas para pensar diferente ao padrão estabelecido de uma imagem dominante da amizade representada pelo fraterno e familiar.

A amizade como um exercício, um retorno a si mesmo, uma ascese para se transverter, transformar as leis, as normas, os hábitos arraigados, tornando o viver mais prazeroso, diversificando o viver e as relações já estabelecidas e institucionalizadas, oportunizando um modo outro de vida, uma cultura outra, uma ética outra. Ao aproximar a prática da amizade de uma ética de vida, e da cultura gay, Foucault (2010b; 2014a) distancia-se de uma identidade gay, para reforçar a necessidade de assumirmos uma vida gay: “ser gay é, creio, não se identificar com os traços psicológicos e com as máscaras visíveis do homossexual, mas procurar definir e desenvolver um modo de vida” (2010b, p. 351).

A prática da amizade a partir da homossexualidade, de uma cultura gay, como invenção para uma vida outra para além de uma vida vivida e descrita sob os paradigmas e normas já estabelecidas que demonizam as demonstrações de

afetos e para além dos códigos estabelecidos: a prática da amizade como uma experimentação corporal de prazeres que corpos possam conhecer, inventar, experimentar a partir de uma relação recíproca, uma prática válida a todo e qualquer grupo.

A amizade como quebra de padrões estabelecidos de família à camaradagem obrigatória; como prática em que não importa o que se é, mas no que nos tornamos ao optar por práticas que visam a si e a ao outro, que visam à partilha do tempo, do espaço, das alegrias e das tristezas fora dos paradigmas sociais estabelecidos: “a soma de todas as coisas através das quais um e outro podem se dar prazer” (p. 349).

O prazer da amizade como resistência

Para Foucault (2008a), a amizade é uma prática que se desvia dos projetos e preposições que se pretendem universais, a experimentação do que denominou de uma ontologia de nós mesmos e/ou ontologia do presente. A amizade como a emergência de forças insurrectas, de invenção sobre uma atualidade que percebe o perigo presente nessa relação:

Se existe uma coisa que me interessa, hoje, é o problema da amizade. No decorrer dos séculos que vieram após a Antiguidade, a amizade constitui uma relação social muito importante: uma relação social no interior da qual os indivíduos dispunham de certa liberdade, de certo tipo de escolha (limitada é claro), e que lhes permitia também viver relações afetivas muito intensas. A amizade tinha, também, implicações econômicas e sociais –competia ao indivíduo ajudar seus amigos etc. Penso que, no século XVI e no século XVII, encontram-se textos que criticam explicitamente a amizade, que eles consideram como algo perigoso (2014a, p. 260).

Desviante e perigosa, a amizade insere-se nas relações de poder, na luta contra um modo de governo, uma governamentalidade; opõe-se a conduções e condutas, atuando como resistência, compelindo as relações de poder a se rearranjarem na diagramação do espaço: práticas de amizade produzem estratégias de resistência às identidades e aos estereótipos de governo.

De acordo como Ortega, a amizade capacita o sujeito para atuar sobre si, a movimentar o poder em uma relação consigo, inventando uma relação satisfatória consigo e, deste modo, capacitando-o de resistência a um poder que se faz monolítico: “(...) trata-se de uma subjetividade *autônoma e anárquica* que se opõe a interpretações neoliberais” (1999, p. 24).

Além de autônoma e anárquica, Ortega define também a amizade a partir da leitura que faz de Foucault, como agonística e estratégica, uma ação de “multiplicidade, intensidade, experimentação, desterritorialização” (2000, p. 157). Por conseguinte, a amizade não tem um formato definido, institucionalizado. (Re)inventada a todo o momento, ela favorece a mudanças de rotas e a variações rítmicas nas subjetivações, incentivando a heterogeneidade, a diferença, o múltiplo; produzindo alternativas que superem as incertezas empresariais do modo de vida neoliberal; celebrando invenções e experimentações para modos e estilos de vida outros: a possibilidade da emergência de uma cultura e uma ética outras em que a amizade, conforme Foucault (2010b), traduz-se –e produz–, em relacionamentos intensos de um prazer mútuo em nada assemelhados aos institucionalizados.

De acordo com Foucault (2014a), a maleabilidade de constituir-se intensivamente como contraconduta faz da amizade algo extremamente perigoso para as mais diversas instituições, do exército à escola, que se esforçam, para além das relações sexuais, em reprimir, limitar ou conduzir a conduta dos afetos criados. Consequentemente, a amizade perigosamente atua sobre um território em que a governamentalidade, um controle psicológico e político, tem enorme dificuldade de atuar sob suas próprias regras e normas:

(...) a força política da amizade reside na falta de controle dos poderes sobre os afetos intensos que surgem nas relações de amizade. Os poderes podem forjar alianças, mas não são capazes de criar amizades, eles podem, no máximo suprimi-las e, ou, capturá-las. As amizades são incontornáveis, ingovernáveis em suas emergências, multiplicidades e plasticidades (Ionta, 2017, p. 379).

Como atitude, um modo de conduzir a vida, a prática da amizade em Foucault opera marginalmente ao poder instaurado, compondo dobras e desterritorializações no corpo social: mais uma arte de viver do que um saber científico. Inventa novas criações, demandas, levantes e sublevações que questionam a totalidade e a hierarquia do poder vigente: aqui, a governamentalidade neoliberal que deslegitima corpos e discursos, tornando infames⁶ os que se chocam, inflamam, explodem o modelo de empreendedorismo de si.

⁶ A infâmia como uma ética de experiências singulares que o “poder” busca manter silenciado (Foucault, 2015b).

A amizade não como a absorção do empreendimento de um outrem; não como a invenção de uma *startup* ou sua evolução em unicórnio ou a sociabilidade aberta da bolsa de valores e interesses em comum de sócios; não como uma relação contratual, comercial com o outro mesmo que iniciada a partir da utilidade epicurista. A prática da amizade por Foucault, como define Ionta, é um exercício constante de territorializações e desterritorializações para que o outro, em sua irreduzível alteridade, queira habitar ou permanecer:

A amizade na contemporaneidade não é apenas um ornamento afetivo que atende aos caprichos de um indivíduo egocêntrico ou às lacunas do sucesso amoroso. Ela é modulada no interior do desempenho e gozo que acompanha a subjetividade do empresário de si mesmo, sujeito que estabelece consigo mesmo uma relação empresarial e com o Outro uma conexão paradoxal, pois o outro é visto como concorrente, ameaça ou *alter ego* (p. 381).

Para Foucault qualquer governamentalidade implica que tudo é político, pois “a política não é nada mais, nada menos que o que nasce como resistência à governamentalidade, a primeira sublevação, o primeiro enfrentamento”⁷ (2008b, p. 287). A prática da amizade foucaultiana, ao desafiar e contestar a governamentalidade, insere-se no campo político instaurando uma atitude experimental nos limites espaciais e temporais das condutas, compondo a prática de uma ontologia sobre nós mesmos, desviante de projetos que se pretendem globais e/ou radicais; práticas e experimentações que propiciam pela sua acidez a corrosão e a dispersão de unificações, de identificações e de continuidades radiais.

Como um feixe de força contrária, uma ontologia sobre nós mesmos emerge da criação de rotas outras as já instauradas, emerge de contracondutas e resistências que surgem em e de espaços múltiplos: uma ontologia em derivação composta mediante forças arbitrárias e contingentes sobre uma atualidade que se quer universalizante; uma ontologia crítica de nós mesmos concebida “(...) como uma atitude, um êthos, uma via filosófica em que a crítica do que somos é simultaneamente análise histórica dos limites que nos são colocados e prova de sua ultrapassagem possível” (2008a, p. 351).

Uma prática de liberdade –condição ontológica ética– requer previamente ser livre, como também exige atitudes-limite do corpo, oportunizando uma

⁷ Presente na aula de 1º de março de 1978.

ação do sujeito sobre si mesmo manifestada por uma liberdade interior que perturba uma ordem anterior e universal, distorcendo o presente, derivando-o em seus pontos de emergência, desarticulando certa certeza sobre quem se é e o que se pode ser.

Conseqüentemente, a prática da amizade, no jogo ontológico, como uma invenção de culturas, de novos prazeres, de relações de diferenciação ao modelo posto pelo neoliberalismo de empresariamento de si; a invenção de contracondutas que “como forma de resistência a *essa* governamentalidade deve corresponder a uma conduta que seja indissociavelmente uma conduta para consigo mesmo e uma conduta para com o outros” (Dardot e Laval, 2016, p. 400). A prática de uma conduta de recusa do jogo neoliberal, de recusa ao empresariamento de si e da normatização concorrencial na produção de relações outras, diferentes, marginais as em voga na governamentalidade neoliberal:

(...) à governamentalidade neoliberal como maneira específica de conduzir a conduta dos outros, devemos opor, portanto uma *dupla* recusa não menos específica: a recusa de se conduzir em relação a si mesmo como uma empresa de si e a recusa de se conduzir em relação aos outros de acordo com a norma da concorrência (...) se é verdade que a relação consigo da empresa de si determina imediata e diretamente certo tipo de relação com os outros (a concorrência generalizada), inversamente a recusa de funcionar como uma empresa de si, que é distanciamento de si mesmo e recusa no total autoengajamento na corrida ao bom desempenho, na prática só pode valer se forem estabelecidas, com relação aos outros, relações de cooperação, compartilhamento e comunhão (pp. 400-401).

Como prática de resistência, de contraconduta e de sublevação, a amizade problematiza o que somos, o que fazemos e o mundo em que vivemos. Problematiza a condução e a coerção exercida pelo neoliberalismo, bem como seus corpos disciplinados e objetivados, contudo, em rota de colisão a procura de brechas para um respirar, talvez livre.

Nossos desejos instauram novas formas de vida, de relações de amizade; escolhas quer sexuais, éticas e políticas que afirmam não somente identidades, mas uma força criadora que subverte os próprios fundamentos da sociedade, favorecendo a encontros e a emergência de prazeres outros, dissolvendo o imaginário esterilizante da biopolítica neoliberal. Um imaginário que se quer

universalista, que anula e exclui toda a diferença. Conseqüentemente, uma amizade que não é para os iguais, pois excita à diferença; que incomoda ao criar outros e diferentes laços de reciprocidade, de vincular-se ao outro não como um mesmo eu.

Sem final, mas abertos a relações

Neste breve ensaio, buscamos argumentar sobre a prática da amizade como um exercício de resistência e/ou subversão à governamentalidade atual e a sua biopolítica de identidades constituídas de empreendedores e competidores a grassarem como norma de conduta. Seguimos a argumentação de Foucault que ante a estabilidade identitária, devemos nos perceber em nossa singularidade, como seres únicos e, para tanto, “(...) as relações que devemos manter com nós mesmos não são relações de identidade, elas devem ser, antes, relações de diferenciação, de criação, de inovação” (2014a, p. 255). Portanto, a amizade como desestabilizadora da norma identitária baseada no contrato empresarial.

Da amizade epicurista emerge uma arquitetura de segurança e prazer proporcionada para aqueles que se avizinham e estão prontos a ajudar, a colaborar com um modo de vida que produz felicidade aos sujeitos que convivem sob o signo da confiança, em que o bem maior são as relações de reciprocidade duráveis. Esse movimento implica em uma relação consigo mesmo e com o outro, em um jogo que experiências novas se constituem, provocando uma “experiência de liberdade, com essa curiosa relação de alguém consigo mesmo, à qual chamamos liberdade, e com a experiência da amizade, com essa curiosa forma de comunhão com os outros que chamamos de amizade” (Larrosa, 2010, p. 139).

Movimento que nos desloca para o exercício criativo de uma estética de nossa existência distante dos contratos padrões e das arbitragens conciliatórias dos sujeitos-empresas, substituídos pelo prazer arbitrário da criação: um deslocamento da vulnerabilidade concorrencial do empreendedorismo para uma vida vulnerável à sua própria criação artística. Um combate, uma experientiação entre forças, experiências-limite de ocupação de uma territorialidade, de recomposição do território. A perturbação provocante de transgressões, de resistências, de insurreições: movimentos contingentes de singularidades, de pertencimento a um certo “nós” que se inventa em um si outro; jogos e práticas de liberdade, um êthos, um modo de ser e viver.

Arte como um ato de criação e agenciamentos, de permitir-se a exploração de prazeres para si e para o outro, pois a amizade não se constitui por uma prática solitária, de renúncia ao mundo e aos homens, mas na relação com outrem, com a comunidade, com o instituído; liberdade e ao mesmo tempo presença no jogo das relações de poder, atuando sob um jogo estratégico e agonístico em que o domínio não se ausenta, mas retrocede ao mínimo.

Por conseguinte, a amizade como uma ética e uma arte de existência traduz-se pela produção de uma política rebelde à biopolítica neoliberal, de resistências com a produção de subjetividades novas e outras, uma economia do corpo e dos prazeres nova e outra, modos relacionais e de existência novos e outros.

Referências

- Ben, J. (1972). *Domingo 23* [canción]. <https://music.youtube.com/watch?v=3xXkxC4gkHA&feature=share>.
- Blanchot, M. (1987). *Foucault, como o imagino* (M. S. Pereira e A. L. Faria, Trads.). Lisboa: Relógio D'água.
- Costa, J. F. (1999). Prefácio a título de diálogo. F. Ortega (Ed.), *Amizade e estética da existência em Foucault* (pp. 11-20). Rio de Janeiro: Graal.
- Dardot, P. e Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo* (M. Echalar, Trad.). São Paulo: Boitempo.
- Epicuro. (2010). *Máximas principais* (J. Q. de Moraes, Trad.). São Paulo: Loyola.
- Foucault, M. (2008a). O que são as luzes? (E. Monteiro, Trad.). M. B. Motta (Ed.), *Ditos e escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento* (pp. 335-351). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2008b). *Segurança, território, população* (E. Brandão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2010a). *A hermenêutica do sujeito: Curso dado no Collège de France (1981-1982)* (M. A. da Fonseca e A. Fontana, Trads.). São Paulo: WMF Martins Fontes.

- Foucault, M. (2010b). Da amizade como modo de vida (A. L. P. Pessoa, Trad.). M. B. Motta (Ed.), *Ditos e escritos VI: repensar a política* (pp. 348-353). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2010c). *Nascimento da biopolítica* (P. E. Duarte, Trad.). Lisboa: Edições 70.
- Foucault, M. (2012). O uso dos prazeres e as técnicas de si (E. Monteiro e I. Barbosa, Trads.). M. B. Motta (Ed.), *Ditos e escritos, vol. V: ética, sexualidade, política* (pp. 187-211). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2014a). Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política de identidade (A. Chiquieri, Trad.). M. B. Motta (Ed.), *Ditos e escritos, vol. IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade* (pp. 251-263). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2014b). Técnicas de si (A. Chiquieri, Trad.). M. B. Motta (Ed.), *Ditos e escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade* (pp. 264-296). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2015a). Da natureza humana: justiça contra poder (L. Avellar, Trad.). M. B. Motta (Ed.), *Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber* (pp. 84-128). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2015b). A vida dos homens infames (L. Avellar, Trad.). M. B. Motta (Ed.), *Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber* (pp. 199-217). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Gros, F. (2008). O cuidado de si em Michel Foucault. M. Rago e A. Veiga-Neto (Eds.), *Figuras de Foucault* (pp. 127-138). Belo Horizonte: Autêntica.
- Gros, F. (2011). Situação do curso (M. A. Fonseca e S. T. Muchail, Trads.). *Foucault, M. A hermenêutica do sujeito* (pp. 443-493). São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Ionta, M. (2017). Das amigas femininas e feministas. S. Gallo e M. Rago (Eds.), *Michel Foucault e as insurreições: é inútil revoltar-se?* (pp. 375-385). São Paulo: CNPq / Capes / Fapesp / Intermeios.

- Larrosa, J. (2010). Sobre a lição: ou do ensinar e do aprender na amizade e na liberdade. A. Veiga-Neto (Ed.), *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascarados* (pp. 139-146). Belo Horizonte: Autêntica.
- Lazzarato, M. (2012). *La fabbrica dell'uomo indebitato: saggio sulla condizione neoliberista*. Roma: DeriveApproddi.
- Lazzarato, M. (2017). *O governo do homem endividado*. São Paulo: N-1 Edições.
- Lipovetsky, G. (2011). Marcos de um itinerário intelectual (L. F. Sarmiento, Trad.). G. Lipovetsky e S. Charles (Eds.), *Tempos hipermodernos* (pp. 107-129). Lisboa: Edições 70.
- Onfray, M. (2008). *Contra-história da filosofia: as sabedorias antigas I* (M. Stahel, Trad.). São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Ortega, F. (1999). *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal.
- Ortega, F. (2000). *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Spinelli, M. (2011). Epicuro e o tema da amizade: a philía vinculada ao érôs da tradição cívico da pólis. *Princípios: revista de filosofia*, 18 (29), pp. 5-55. <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/1304>